

## Entrevista com Adriana Lisboa

*Joelma Santana Siqueira (Universidade Federal de Viçosa)  
Vivaldo Andrade dos Santos (Georgetown University)*



Fonte: Arquivo pessoal da escritora.

**Adriana Lisboa** nasceu no Rio de Janeiro em 1970. Estudou música e literatura. Publicou, entre outros livros, os romances *Sinfonia em branco* (2001) (Prêmio José Saramago), *Um beijo de colombina* (2003), *Rakushisha* (2007), *Azul corvo* (2010) (um dos livros do ano do jornal inglês

***Gláuks: Revista de Letras e Artes – jul/dez 2020 – v. 20, n. 2***

*The Independent*), *Hanói* (2013), *Todos os santos* (2019), a coletânea de contos *O sucesso* (2016) e os poemas de *Parte da paisagem* (2014), *Pequena música* (2018) (menção honrosa no Prêmio Casa de las Américas) e *Deriva* (2019). Seus livros foram traduzidos em mais de vinte países. Seus poemas e contos saíram em revistas como *Modern Poetry in Translation*, *Granta* e *Asymptote*.

**1. Prezada Adriana Lisboa, somos muito gratos a você por nos conceder essa entrevista para o presente dossiê da Gláuks dedicado ao tema “A literatura brasileira no exterior”. Para iniciarmos, pedimos que nos fale sobre como é escrever e publicar literatura no Brasil.**

Para mim, tem a ver fundamentalmente com amor pelo ofício. Politicamente, o país no momento se encontra à mercê das tentativas de culturicídio do criminoso governo Bolsonaro, e o mercado é sempre imponderável, portanto, a gente não tem a menor garantia de que os livros vão pagar nossas contas no fim do mês. Mas escrevo porque quero, porque gosto. Não penso nisso como uma espécie de “missão”: a arte faz parte da existência humana desde as cavernas do Paleolítico, é uma de nossas formas de comunicação, de reflexão, de felicidade. No meu caso, o Brasil é a minha pátria linguística – a minha mátria, a terra da minha língua materna em que escrevo, embora viva há treze anos no exterior. Então, esse vínculo se torna particularmente importante: escrever numa das línguas faladas no Brasil e publicar no Brasil são formas de exercer a minha cidadania também.

**2. Você considera que há diferenças que mereçam ser destacadas entre a recepção que sua obra tem no Brasil e a que tem no exterior?**

As diferenças podem ser bastante específicas dependendo do país. Por exemplo, nos Estados Unidos costuma-se discutir muito, em encontros, o próprio trabalho da tradução. Como se lê pouca literatura em tradução nos EUA, estar num outro ambiente linguístico transposto ao inglês desperta, eu diria, quase uma desconfiança. Em outros países talvez os elementos políticos

sejam mais relevantes (o caso da minha experiência na Argentina), ou a construção psicológica dos personagens, ou simplesmente a arte narrativa. Talvez sejam somente percepções minhas, sem grande valor. Mas eu diria que, de modo geral, fora do Brasil a gente se torna brasileiro. No Brasil, nunca senti, ao longo da minha carreira, que a recepção se fixasse no fato de o país estar ou não representado nos meus livros. No exterior, esse é quase sempre o caso. Cheguei a ter um romance, *Azul corvo*, traduzido para *Neve do Brasil* na Finlândia, entre outros casos (capas verde e amarelas, etc). Curiosamente, no Brasil, os autores brasileiros fazem parte de um nicho, porque a maioria dos leitores se interessa mais por autores estrangeiros. Fora do Brasil, também fazemos parte de um nicho, aquele da literatura que vem de um lugar fundamentalmente desconhecido da maioria.

### **3. Qual a importância da tradução, sobretudo, para o escritor que escreve em português?**

A tradução é essencial! É um trabalho de colaboração com o autor, quando bem feito. Além disso, há muitas editoras pelo mundo que não têm leitores de português. Então, ter um livro já traduzido ao inglês, francês ou espanhol pode ajudar muito quem escreve em português, nesses casos. Assim, uma editora, digamos, na Holanda pode avaliar para publicação um livro já traduzido ao inglês.

### **4. Quais são os desafios para ser publicada no exterior ou ser traduzida para outra língua?**

Talvez o principal desafio seja o volume enorme de literatura sendo publicada em toda parte. Ter um livro pinçado no meio dessa paisagem para ser traduzido em outro país pode ter muito de sorte: um tradutor que se encantou pelo trabalho, uma leitura pública que resultou num interesse editorial, um tema que agrada particularmente a uma editora num momento, um prêmio que chancela o livro (e prêmios funcionam tantas vezes de acordo com um imponderável). Escrever em português também impõe as suas limitações, porque muitas vezes as editoras precisam de um intermediário que possa avaliar o livro. Ter um bom agente é fundamental nesse processo.

**5. “Traduttore, traditore”. Como é ler sua obra em outro idioma? Poderia nos dar algum exemplo?**

Acho sempre um privilégio estar traduzida em outros idiomas. De vez em quando, a gente se depara com histórias loucas – tive um livro traduzido no México por vários tradutores diferentes, uma confusão editorial dos diabos, e não posso dizer que o resultado me deixou feliz. E de vez em quando, encontro uma ou outra escorregada de um tradutor, o que é normal (na França, por exemplo, um trecho que falava de “alergia” num romance meu, foi lido pela tradutora como “alegria”, e assim saiu na tradução... bastante estranho se pensarmos que se referia a “alergia a picadas de insetos”!). Mas há eventos maravilhosos, como um trecho de romance meu que diz “o mar é grande e grátis, o sol é para todos” e em inglês ficou “the sea is large and free of charge, the sun is for everyone”, segundo a tradutora Alison Entrekin. Pura poesia, muito mais bonito e sonoro do que o original!

**6. Existe uma “literatura nacional”, presa a um país, a uma região, a uma língua?**

Talvez haja alguns pontos em comum quando traçamos linhas gerais da literatura numa determinada região. Também acredito que para certos autores e autoras a geografia, a cultura e a história do seu país ou região norteiam o seu projeto literário – ainda que isso sirva, em muitos casos, como um laboratório para simplesmente tratar da experiência humana (o sertão está em toda parte, afinal). Outras e outros passam longe de qualquer traço “nacional” ou regional. Essa é, de todo modo, uma questão sempre controversa: digamos que seja possível pensar numa literatura brasileira escrita em português (entre as outras línguas do país). Mas que diferenças haverá entre a que se faz no Rio de Janeiro, em Teresina ou na cidade de Goiás? Na periferia do Rio ou em Ipanema? A que é escrita por um homem branco ou uma mulher negra? Como juntar tudo isso debaixo de uma mesma bandeira de “literatura nacional”, ainda que consigamos encontrar alguns vagos traços em comum?

**7. Seu fazer literário busca responder a alguma urgência presente na realidade social brasileira que você gostaria de destacar?**

O que tenho procurado abordar tematicamente no que escrevo hoje não é específico à realidade social do Brasil, mas à nossa relação com o vivo (com o outro vivo, em suas várias formas). Temos sido uma espécie predatória e as consequências disso estão sendo vistas num grau dramático – o que aumenta, inclusive, os abismos sociais no Brasil e em tantos lugares do mundo. Tenho tentado investigar, no que escrevo, algumas formas de descer da nossa arrogância antropocêntrica e de rever os nossos projetos sociais e políticos obviamente falidos em troca de uma coexistência mais horizontal com o não-humano. Como na canção de Branco Mello e Arnaldo Antunes: “Estou aqui de passagem / Este mundo não é meu / Este mundo não é seu.” Mas tudo isso é muito modesto, no âmbito do que eu escrevo. A minha literatura não é nem quer ser grandiloquente.